



EXPECTATIVAS E IMPRESSÕES DE ESTUDANTES DE 5º E 6º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A TRANSIÇÃO DE UM ANO ESCOLAR PARA O OUTRO

Resumo: A transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental configura um momento importante para estudantes e professores, de tensão e expectativas. Por isso, neste trabalho temos como objetivo discutir e comparar as manifestações de estudantes de quintos e sextos anos que, em novembro de 2018, representaram ou sua expectativa de vivenciar o sexto ano ou suas impressões em relação ao sexto ano vivenciado comparando-o ao quinto, por meio de desenhos. Os desenhos apresentados mostram diversos sentimentos e detalhes que chamam a atenção em se tratando de dois anos letivos escolares que são consecutivos na vida das crianças. Os desenhos evidenciam a ansiedade de alunos do quinto em relação ao que esperam vivenciar no sexto ano, bem como denotam em quais aspectos da transição sentem-se mais desconfortáveis. Do mesmo modo, evidenciam que os alunos do sexto ano, em sua maioria, tem impressões de que no quinto existiam momentos de atividades mais alegres.

Palavras-chave: Análise de desenhos. Transição do 5º para o 6º ano. Ensino Fundamental. Educação Matemática.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem sua origem em um projeto maior apoiado pelo CNPq sobre a transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental, mais especificamente, sobre a Educação Matemática neste contexto. Busca entender o que acontece no contexto escolar em seus diferentes fatores durante essa transição, apontar para rupturas e continuidades, bem como sugerir encaminhamentos que minimizem os impactos dessa transição. Neste trabalho, discutimos como essa transição parece afetar os estudantes, tanto sobre a perspectiva daqueles estudantes do quinto ano que estão a passar para o sexto, quanto sobre as impressões dos estudantes que estão vivenciando o sexto e já vivenciaram o quinto ano. Trata-se de um projeto de pesquisa realizada no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de um curso de Licenciatura em Matemática e de um projeto de Iniciação Científica.

Antigamente, nos referíamos aos níveis de ensino como escola primária e ginásio, ou ainda, de primeira à quarta série e de quinta à oitava série. Hoje, denominamos como primeiro ao quinto ano e como sexto ao nono ano. Em 2004, ocorreu a modificação que trouxe o Ensino Fundamental de nove anos, sendo do primeiro ao quinto ano, denominado o Ensino Fundamental I e de sexto ao nono ano, o Ensino Fundamental II. Neste trabalho, nos interessamos pela transição entre o quinto e o sexto ano.

Algumas diferenças entre o quinto e o sexto ano são evidentes, como o fato dos alunos deixarem de ter um professor regente de turma trabalhando várias disciplinas, para ter um especialista para cada uma delas; no sexto ano, por conta disso, as aulas de uma disciplina passam a ter duração exata de uma ou duas aulas, enquanto no quinto o professor fica com a turma todo o período; cada professor tem uma única turma no quinto ano (duas, no máximo, trabalhando dois padrões), enquanto no sexto ano, cada professor atua em muitas turmas, tendo em consequência muitos alunos. Além disso, percebe-se que essa grande mudança ocorre em um curto período de tempo: em dezembro são do quinto ano e em fevereiro, cerca de um mês depois, já precisam se adaptar à nova situação.

Com tantas diferenças presentes nestes anos escolares que são consecutivos e estudantes mostrando cada vez mais dificuldades, temos o objetivo de identificar e discutir, neste trabalho, apontamentos dos alunos sobre o quinto e sexto ano, através de desenhos produzidos por eles quando são convidados a representar, em uma folha sulfite, dois cenários. Para os alunos do quinto ano, como foi o quinto ano que estavam em vias de concluir e como esperavam que seria o sexto ano para o qual iriam; e para os alunos do sexto ano, como foi o sexto ano que estavam concluindo, e como eles se recordavam do quinto ano na escola em que estudaram no ano anterior. Portanto, os desenhos apresentados foram elaborados tanto por alunos do quinto ano com suas expectativas para o sexto ano, quanto a vivência do estudante que está no sexto ano.

Neste contexto, temos como intenção investigar à seguinte interrogação: *Quais as expectativas e impressões de estudantes de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental sobre a transição de um ano escolar para o outro?*

Para isso, apresentaremos o encaminhamento metodológico da pesquisa; discutimos, brevemente, o desenho no contexto escolar, bem como a transição do quinto para o sexto ano; apresentamos alguns dos desenhos dos alunos e as respectivas discussões/reflexões representativos do conjunto de dados de que dispomos; e, finalmente, apresentamos nossas considerações finais e as referências.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A coleta de dados foi realizada no final do ano letivo de 2018, com turmas de quinto e sexto ano de cinco instituições públicas do interior do Paraná, participantes do projeto. Sendo três escolas municipais e dois colégios estaduais.

A escola I municipal e a escola IV estadual, situam-se em uma região central da cidade e ambas ocupam o mesmo espaço físico, já a escola II, também municipal, fica próxima às

escolas I e IV, o que leva a maior parte dos alunos realizarem a transição do quinto ano tanto da escola I e II para o sexto ano da escola IV.

Já as escolas III municipal e V estadual, são consideradas de bairro e não dividem o mesmo espaço físico, porém são muito próximas uma da outra, sendo afastadas de demais escolas, o que leva os alunos da escola III, também, comumente continuarem seus estudos no sexto ano da escola V.

Em cada escola, fomos direcionados a trabalhar com uma turma especificamente. Portanto, fizemos nossa coleta de dados com cinco turmas, três de quintos e duas de sextos. Diante dos alunos cujos responsáveis haviam autorizado a participação na pesquisa, fizemos grupos com os alunos para participarem de uma entrevista. Nessa entrevista, pedimos para os alunos apresentarem suas opiniões sobre o quinto e o sexto ano, bem como foi (ou esperavam que seria) a transição de um ano escolar para o outro. Durante a coleta de dados também foi solicitado aos alunos do 5º ano, para que desenhassem sobre suas vivências no quinto e suas expectativas para o sexto ano, e aos alunos do 6º ano, suas vivências nesse ano letivo e suas lembranças sobre o quinto ano. É sobre esses desenhos produzidos que nos dedicamos neste trabalho.

De cunho qualitativo e caráter exploratório, temos o objetivo de apresentar as ideias, comportamentos e singularidades presentes nos desenhos dos estudantes do quinto ano tanto em sua expectativa em relação ao sexto ano, e apresentar os mesmos aspectos em relação aos alunos do sexto ano comparando a sua vivência no ano letivo atual e anterior. A pesquisa qualitativa considera “o fato de a inferência ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem) e não sobre sua frequência de aparição” (BARDIN, 1977, p. 115). Portanto, dedicamo-nos a explorar possibilidades de inferências a partir dos desenhos dos alunos, em suas especificidades.

Neste artigo, os estudantes serão identificados com códigos, tais como “5A1”, primeiramente com o numeral 5 para representar o quinto ano e 6 para o sexto; com a vogal A e um número identificando os diferentes alunos. Diante das limitações de espaço do artigo, consideramos algumas produções representativas, sem identificar a escola correspondente.

O DESENHO

O uso do desenho pelas crianças se dá desde muito cedo, com início com rabiscos a partir do momento em que conseguem segurar instrumentos que deixam traços. Conforme as crianças vão se desenvolvendo, seus desenhos ficam mais claros e passam a representar algumas

ideias. O traço consegue comunicar uma ideia devido à precisão motora que está sendo aperfeiçoada, principalmente na escola. A produção passa a contar com maior quantidade de detalhes devido ao desenvolvimento da criança.

No entanto, após o domínio total da fala o desenho acaba sendo menos praticado, pois segundo Vygotski as crianças utilizam o desenho de modo a suprir a carência que a mesma apresenta na fala. Para o autor, “[...] o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Nesse sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos” (VYGOTSKI, 1991, p. 127).

Os aspectos essenciais dos objetos tratados na fala de Vygotski (1991), tratam-se da interpretação realizada pela criança sobre a experiência que a mesma vivenciou com o objeto. Do mesmo modo, Ferreira (2001) afirma que “os significados das figurações do desenho da criança são culturais e produto das suas experiências com os ‘objetos reais’ mediadas pela palavra e pela interação com o ‘outro’” (FERREIRA, 2001, p. 35).

Assim, os desenhos das crianças são representações que denotam sua experiência, tanto do objeto quanto da sua cultura, o que interfere diretamente nos seus traçados. Ainda, não podemos deixar de notar que sua visão pode ser de certa forma modificada pela sua imaginação, pois segundo Natividade *et al* (2008), as crianças não têm uma visão crítica sobre o todo e sim sobre o que lhes interessa.

No processo de elaboração do desenho também está presente a imaginação, pois a criança observa a realidade e registra desta, aquilo que lhe é significativo, sendo os diversos recortes dessa realidade combinados imaginativamente e objetivado por meio do desenho (Natividade *et al*, 2008, pg. 12).

Na mesma linha, Ferreira (2001) acrescenta que as impressões dos objetos acabam se modificando devido à vivência, cultura e desenvolvimento intelectual dos estudantes, podendo ser combinados pela sua imaginação.

A seguir temos um desenho do aluno 6A1, como exemplo, para que possamos visualizar diferentes aspectos presentes, mostrando a riqueza presente no todo. Consideramos que, por partes, os estudantes pretendem apresentar diversas ideias, sua interpretação sobre determinados assuntos e que, ainda, pode haver detalhes que representam ideias não conscientes dos alunos.

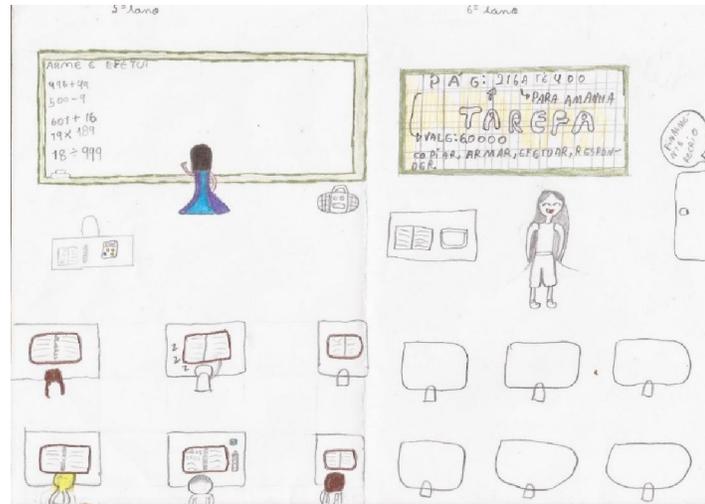


Figura 1 – Desenho de 6A1

Fonte: os autores

Podemos perceber a riqueza de um desenho analisando alguns pontos, como:

- ✓ Há a presença de um rádio na sala de aula (5º ano), o que pode demonstrar o fato de a professora utilizar mídias com as crianças. Mas perceba que a mesma está lecionando matemática virada para o quadro com giz na mão, não encarando os alunos. Neste sentido, talvez o rádio seja utilizado para colocar uma música de fundo, e não para realizar uma atividade em si.
- ✓ Sobre a atividade passada no quadro: no primeiro caso (5º ano) a professora está passando as contas, que não são muitas e com enunciado simples “arme e efetue”, ao contrário do 6º ano, onde tem a indicação da atividade das páginas de “216 a 400”. Perceba que o aluno utiliza uma numeração alta, com uma grande quantidade de atividades e o complemento: “para amanhã”, “vale 60.000” e ainda apresenta o que a professora solicita “copiar, armar, efetuar, responder”.
- ✓ A professora no 5º ano passando a atividade no quadro, de costas e escrevendo para que os alunos copiem e os mesmos estão nas carteiras com seus cadernos abertos, mesmo que apresente um aluno dormindo, ao se comparar com o 6º ano a professora feliz, mas sem nenhum aluno dentro de sala de aula, carteiras vazias e uma fala de um aluno ecoando pela porta “finalmente recreio” como uma expressão libertadora.

No entanto, é possível que o leitor considere outros aspectos/ideias não vislumbrados, inicialmente, por nós, pesquisadores; bem como discordar de algumas de nossas interpretações,

o que também são características de uma pesquisa qualitativa: a subjetividade reconhecida e assumida no processo de investigação.

A TRANSIÇÃO

O Ensino Fundamental I, de acordo com a legislação vigente, “deveria ocorrer desenvolvendo positivamente a autonomia do estudante” (PAULA *et al*, 2018, p. 38), propiciar situações em sala de aula para que o aluno analisasse sua realidade e sentisse a necessidade de buscar novos conhecimentos, sendo estes grandes desafios das escolas. Neste contexto, poderiam ser diminuídos os impactos do que temos denominado de transição de um nível escolar para o outro, causando implicações para a vida escolar principalmente nesta transição (CARDOSO e LARA, *apud* CUNHA, 2016).

Observa-se nessa transição uma dualidade pedagógica, onde os antigos alunos do quinto ano estão familiarizados com uma organização escolar que é totalmente diferente no sexto ano, tanto quanto a quantidade de professores, tempo das aulas, metodologias e a afetividade, que geralmente é muito presente nos anos iniciais. Os “estudantes que sofrem calados com as modificações que lhe são impostas sem receber um apoio condizente com o tamanho do problema que está sendo enfrentado, pois na visão de familiares, colegas e professores não é tão relevante assim” (PAULA *et al*, 2018, pg. 35).

Segundo Paula *et al* (2018), a dualidade pedagógica também pode levar os estudantes a se sentirem acuados e a adquirirem estresse antecipado. Isso combinado com seus 10 ou 11 anos, esta mudança pode ser considerada radical, trazendo diversos sentimentos, tanto de medo, expectativa e sentimento de (in) dependência. Com tantos sentimentos pode ocorrer excesso tanto quanto a falta de confiança para passar dessa fase, se tratando da falta, o medo e o bloqueio social podem ser facilmente ativados no estudante, onde o baixo rendimento e/ou problemas comportamentais estão sujeitos a aparecer, o que ainda pode levar à evasão escolar.

Paula *et al*, ainda nos diz que “sentir-se bem em meio a um novo grupo torna-se objetivo de conquista” (2018, p. 41) e continua complementando que “quando a proximidade entre educador e estudante acontece, a transição não afeta seu crescimento educacional canalizando a afetividade a favor do conhecimento”. Compartilhando do mesmo pensamento, Dias-da-Silva *apud* Aguirre (2017) acredita que a falta de cuidados com as crianças e da falta de afeto por parte do professor dos anos finais, impacta diretamente na indisciplina, deixando claro que a indisciplina tratada, são os comportamentos que os alunos demonstram ao se deparar com o sexto ano, apresentados pelos seus novos professores.

Com papel fundamental, segundo Freire (2011), a afetividade colabora com o desenvolvimento do aluno, permitindo que o aluno enfrente o novo desafio de forma a se obter aprendizados e contribuindo para sua integração no novo ambiente escolar.

Segundo Barzotto (2013), o aluno está caminhando sem se dar conta de qualquer problema, pois está acostumado com a escola e com as situações do dia a dia, sendo, por vezes, receptível à mudança, e em outras, reagindo às novas situações do contexto escolar, para as quais considera não ter preparo para vivenciar.

Além disso, Cunha (2016, p.23) destaca o despreparo dos professores em relação à transição:

O (des)preparo dos professores faz com que se esqueçam de que esses alunos estão passando por esta transição e então, entram em sala para cumprir seu papel, preparados pra dar a sua aula para alunos despreparados. E nesse processo os que conseguirem se adaptar terão sucesso, os outros serão futuros índices de reprova, evasão.

O autor conclui afirmando que existe uma ruptura muito grande na transição do quinto para o sexto ano e acredita que o envolvimento de todos se faz necessário, professores, equipe pedagógica e família, que tenham sensibilidade para apoiar e conduzir o aluno de forma que se sinta acolhido.

O QUE MANIFESTAM OS ALUNOS

Apresentamos primeiramente os desenhos dos alunos do quinto ano com suas vivências e suas expectativas para o sexto ano, com ênfase nos detalhes apresentados e o que cada um pode nos trazer de reflexões. Apresentamos, inicialmente, o desenho de 5A1.



Figura 2 – Desenho de 5A1

Fonte: os autores

O desenho apresenta a vivência do aluno no quinto ano, a professora de frente para os alunos, com combinação de roupa verde e azul, escrevendo no quadro com um leve sorriso no rosto. Por ser o desenho de um aluno do quinto ano vemos sua expectativa em relação ao sexto ano, onde apresenta uma professora com a combinação de roupa azul e verde, na posição contrária à roupa da professora do quinto ano, ela está de costas para os alunos escrevendo já no final do quadro que aparentemente apresenta mais anotações do que o quadro do quinto ano. Além disso, apresenta uma lixeira ao lado do quadro, mas os lixos não estão dentro dela e sim esparramados pelo chão próximo ao quadro. A professora não mostra preocupação em relação a esse lixo, como se fosse algo comum.

A presença de lixo no chão, mesmo que a sala apresente uma lixeira, mostra a expectativa de 5A1 de que haja presença de estudantes bagunceiros e mal-intencionados na sala de aula, o que pode denotar um sentimento de medo por parte do aluno em relação novo ambiente escolar. Paula *et al* (2018, p.39) afirma que “para estudantes e familiares que já passaram, estão passando ou passarão pela transição do ensino fundamental I para o fundamental II, o sentimento revelado é de medo dos novos professores, das novas disciplinas, da quantidade de trabalhos e provas”.

O desenho de 5A2 também apresenta a expectativa de um sexto ano difícil:

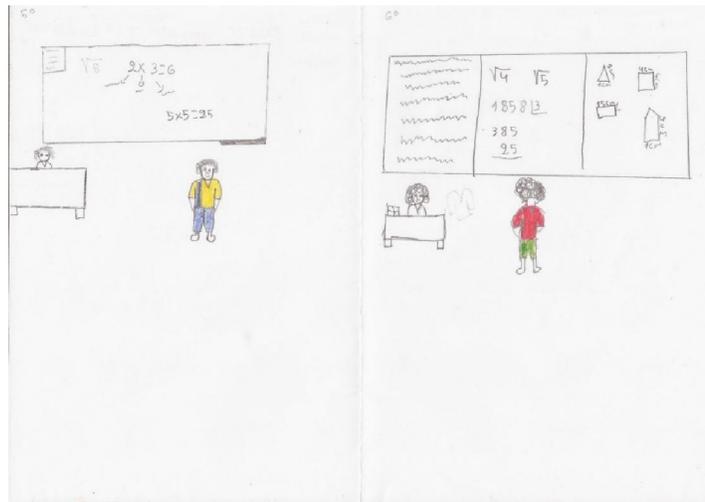


Figura 3 – Desenho de 5A2

Fonte: os autores

O desenho apresentado por 5A2 mostra a mesa da professora, ela sentada e o estudante saindo do quadro com um leve sorriso, após ter respondido uma situação matemática. O quadro apresenta algumas anotações sobre explicação da multiplicação e a conta respondida,

“ $5 \times 5 = 25$ ”. Já no espaço referente ao sexto ano apresenta, da mesma forma, a mesa da professora com uma pilha de coisas a mais e o quadro dividido em três partes, sendo a primeira cheia de escritas, a segunda parte com contas sem resultados e, a terceira, com figuras geométricas com algumas medidas. O estudante está olhando para o quadro, aparentemente para resolver as contas que estão apresentadas com números maiores que no quinto ano, mas nenhum resultado está apresentado. É possível que o desenho denote a expectativa de 5A2 em relação aos conteúdos matemáticos que estudará no sexto ano, “mais difíceis” em relação ao quinto e para os quais pode ter dificuldades em dar respostas.

Outro receio em relação ao sexto ano, diz respeito ao comportamento dos professores.

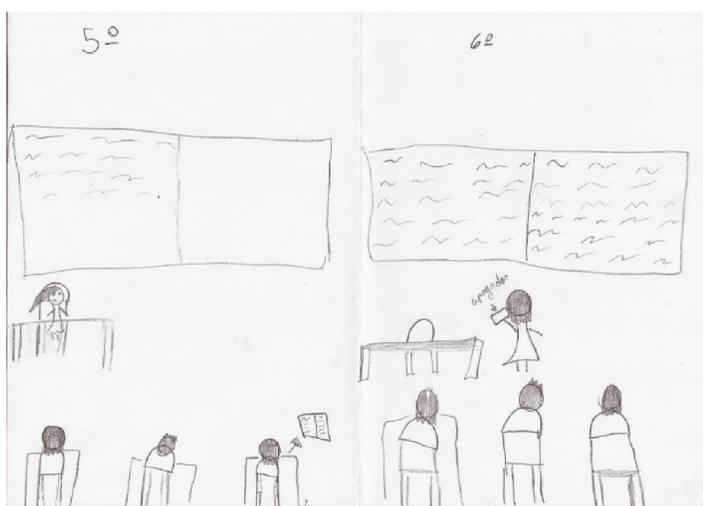


Figura 4 – Desenho de 5A3

Fonte: os autores

As representações do quinto e do sexto ano no desenho de 5A3 são bem parecidas, tanto no que diz respeito aos alunos, ao comportamento destes, ou ainda, à organização do espaço escolar. No entanto, se difere fortemente quando se trata da prática. Isso porque no quinto ano a professora se apresenta sentada à frente do quadro que apresenta alguns escritos e o estudante deixa claro que está copiando, com o uso de uma flecha saindo de uma das carteiras apontando para um caderno com registros escritos também. Já no sexto ano a professora está de pé de frente para o quadro cheio de informações com um apagador na mão. 5A3 enfatiza o apagador, como quem chama a atenção para o fato de que a docente vai apagar o quadro para passar mais conteúdo quando os alunos nem copiaram a primeira parte ainda. Essa produção denota a ideia de que “lá no sexto ano, o professor não espera o aluno copiar, apaga a lousa e por isso os alunos precisam ficar atentos”.

A quantidade de tarefas e conteúdos também é preocupação dos alunos. O desenho feito por 5A4 é um exemplo.



Figura 5 – Desenho de 5A4

Fonte: os autores

Para o quinto ano o estudante 5A4 apresenta a professora com algo na mão apontando para o quadro que possui duas frações escritas e uma conta de divisão, como se a professora estivesse explicando aos alunos o conteúdo de frações. Ao lado do quadro ainda há um caderno aberto com coisas escritas. Já no sexto ano o estudante traz uma pilha de seis livros de diversas matérias e o quadro indica trabalhos a serem feitos. Se repararmos, a data da aula representada no quadro é 10/04, enquanto os trabalhos das disciplinas de artes, matemática e educação física, são para o dia 11/04. Ao lado do quadro também há um mapa.

Os desenhos apresentados na Figura 5 apresentam, portanto, a expectativa de que no sexto ano os estudantes terão muitos conteúdos para estudar e muitas tarefas para realizar. Denota, assim, a ansiedade e angústia dos alunos do quinto ano com a ideia de não darem conta de realizar todas essas atividades.

Quando se trata da transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental, normalmente os estudantes são avisados diariamente por seu professor regente do 5º ano que terão vários professores no 6º ano, que cada aula terá a duração de 50 minutos, que no momento são os maiores, mas na outra escola serão os menores, enfim mesmo que de forma inconsciente, uma intervenção negativa por parte do educador pode desencadear uma aversão a nova etapa escolar. (PAULA *et al*, 2018, pg. 39).

Seguindo a ideia de Paula *et al*, complementamos que, em muitos momentos, para tentar chamar a atenção da turma, pode surgir a fala do professor com ideias de que o estudante precisa se esforçar mais, pois no sexto ano será mais difícil e com muito mais conteúdo, impactando em expectativas como as apresentadas pelos alunos nos desenhos.

Barzotto (2013) entende que a ênfase que se dá nessa transição para os alunos, no dia a dia da sala de aula, é desnecessária. Isso porque sabemos que ocorrem as mudanças, mas não precisamos relembrar os estudantes, que podem construir pré-conceitos diante do que manifestam a família e a comunidade escolar. Segundo o autor, frente a sinais de não adaptação, aí sim deve ocorrer uma intervenção, mas de forma natural, sem enfatizar que o estudante terá problemas no novo nível escolar.

Scandelari (2008), por sua vez, considera que os estudantes do quinto ano necessitam de um tratamento diferenciado e que os professores precisam avaliar seus métodos pedagógicos constantemente para que estejam o mais próximo da realidade desses alunos, da faixa etária e das mudanças que implicam na obtenção do conhecimento.

De todo modo, embora todo aluno devesse ter um tratamento especializado por parte do docente, focado em suas habilidades e necessidades, o tratamento diferenciado de que trata Scandelari (2008) retrata esse momento de tensão e ansiedade que vivem, por vezes, os alunos que darão continuidade aos seus estudos no sexto ano. No entanto, consideramos que a mesma atenção deva se dar no sexto ano, momento escolar em que os impactos da transição se mostram mais evidentes.

Em relação ao sexto ano, trazemos dois dos desenhos produzidos pelos estudantes, 6A2 e 6A3, em que os mesmos buscaram representar suas impressões sobre as vivências que tiveram no quinto e no sexto ano. Desse modo, entendemos que os alunos produziram comparações entre suas aulas no quinto e no sexto, ao menos nos aspectos que mais os marcaram.



Figura 6 – Desenho de 6A2

Fonte: os autores

A análise deste desenho de um estudante de sexto ano, apresenta as vivências/lembranças do quinto ano. No caso específico, trata de uma aula que em que

assistiram ao filme “A era do gelo”; cada estudante apresenta comida e bebida sobre suas mesas, aparentemente uma comemoração, enquanto no sexto ano apresenta o quadro com operações montadas e efetuadas, apresenta a sala com carteiras identificadas, repetindo dois dos nomes apresentados no quinto ano. É possível que o desenho denote a impressão de que as atividades no quinto ano eram mais lúdicas, com momentos de descontração, e no sexto as atividades são mais tradicionais. Destacamos que no caso do sexto ano, as operações que aparecem no quadro condizem com o que é de fato realizado no nível escolar, diferente dos números “grandes” e tarefas requeridas nos desenhos feitos por estudantes do quinto ano em relação às suas expectativas de atividades no sexto. Além disso, as operações estão resolvidas, denotando que o aluno sabe lidar com as operações.

Apresentamos o desenho de 6A2, justamente para complementar o desenho de seu colega de sala e talvez entender sua vivência do quinto ano (Figura 7).



Figura 7 – Desenho de 6A3

Fonte: os autores

Trazemos o desenho de dois estudantes da mesma sala para compreender o que tem acontecido e sentimentos que os alunos aparentam ter. No espaço do quinto ano apresenta um quadro vermelho e verde, onde seria o local onde está sendo projetado o filme e a mesa com comes e bebes com as comidas e bebidas trazidos pelos alunos, e com estudantes sorrindo. Assim como no desenho de 6A2, vemos que no quinto ano, assistir filme é um momento que o deixa feliz. Em contrapartida, no espaço do sexto ano apresenta dois estudantes com semblante triste nas carteiras e um livro escrito em sua capa “contas e multiplicação”. Comparando com o desenho de 6A2, consideramos que as produções podem compartilhar o mesmo sentimento.

Apresentamos um desenho que vem na contramão dos demais produzidos pelos estudantes do sexto ano.

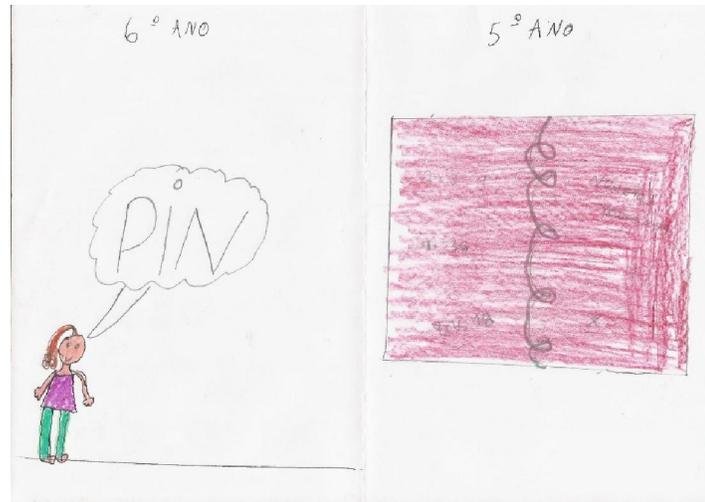


Figura 8 – Desenho de 6A4

Fonte: os autores

No quinto ano o estudante traz um caderno que está pintado com uma cor forte de modo que não apresenta cuidados com a pintura e apresenta algumas anotações, de um lado contas de multiplicação em do outro, alguns números romanos, já no sexto ano apresenta a aluna sorrindo falando “PIN”, sendo esse um jogo conhecido entre os alunos, que trabalha com o pensamento rápido de múltiplos. Portanto, essa produção denota o sexto ano como um lugar em que os alunos vivenciam práticas lúdicas.

Como apresenta na Figura 8, alguns alunos conseguem se adaptar tanto ao ambiente quanto às pessoas de forma a se sentirem mais acolhidos do que no quinto ano, que na maioria dos casos é um lugar de maior conforto para os alunos devido a presença de seus amigos desde o primeiro ano e a afetividade com o professor.

CONCLUSÕES E RESULTADOS

Os desenhos evidenciam características presentes na transição do quinto para o sexto ano na perspectiva dos alunos. Mesmo que apresente bom desempenho no quinto ano, diariamente o aluno do quinto é avisado das dificuldades que poderá encontrar na série seguinte. Há uma cultura em sala de aula que, na tentativa de preservar os alunos e prepará-los, apresenta possíveis dificuldades antecipadamente aos estudantes, causando alguma ansiedade e medo.

Quando um estudante possui um bom desempenho no quinto ano, se esforça, não deixa de realizar as atividades solicitadas e, ainda assim, a comunidade apresenta falas que fazem o estudante entender que o sexto ano é complicado, como a quantidade de atividades, mais

conteúdos que o que já vem estudando, pode dar margem para o entendimento de que o que fazem no momento não é importante ou não é nada comparado ao sexto ano.

Com a vivência dos alunos do sexto ano, podemos ver realmente a diferença entre os anos tratados na transição. Com visões interdisciplinares e dinâmicas no quinto ano, os estudantes apresentam sorrisos e no sexto ano, trazem contas a resolver e uma certa tristeza, como se em um passo de mágica os estudantes que são crianças deixassem de ser para agora serem jovens que precisam enfrentar aulas “mais sérias”.

As impressões dos alunos do sexto ano se assemelham e convergem para as expectativas dos estudantes do quinto ano, o que suscita a existência de uma cultura de entendimento dessa transição, que influencia modos de pensar o tema. Assim, cabe à comunidade escolar se atentar para esse cenário.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Kimberly, C. A Transição dos Anos Iniciais Para os Anos Finais do Ensino Fundamental: O que diz a produção nacional, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1316/1/AGUIRRE.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

BARBOSA-LIMA, M. C. CARVALHO, A. M. P. O desenho como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico, 2008. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART4_Vol7_N2.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Editora Edições 70/Persona, 1977. 230 p.

BARZOTTO, Valdir Heitor. Fases de transição escolar: saiba como orientar seus filhos. Em Dia Revista, 2013. São Paulo. Disponível em: <http://www.revistaedia.com.br/net/fases-de-transicao-escolar-saiba-como-orientar-seus-filhos/>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

CUNHA, Andréia C. MARTINEZ, Flavia W. M. Transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental: A relação entre professores e alunos, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_uenp_andreiacristinadacunha.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

FERREIRA, S. 2001. Imaginação e linguagem no desenho da criança. 2ª ed., Campinas, Papirus, 111 p.

NATIVIDADE, Michelle R. *et al.* Desenho na pesquisa com crianças: Análise na perspectiva histórico-cultural, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v1n1/v1n1a02.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

PAULA, Andreia P. *et al.* Transição do 5º para o 6º ano no Ensino Fundamental: Processo educacional de reflexão e debate, 2018. Disponível em:

<<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/v8/v8-artigo-3-TRANSICAO-DO-5-PARA-O-6-ANO-NO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SCANDELARI, M. N. Reflexões em torno do processo da passagem dos alunos da 4ª para a 5ª série do ensino fundamental. Produção Didático – Pedagógica Unidade Temática, Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1754-8.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

VYGOTSKI, L.S. 1991. A formação social da mente. 4ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 168 p.